

Curso de LIBRAS online

Curso de LIBRAS online

Luciane Rangel | Mariana Cunha

1ª EDIÇÃO

Niterói

Mariana da Cunha Teixeira de Souza
2013

Reitor

Roberto de Souza Salles

Vice - Reitor

Sidney Luiz de Matos Mello

**Labtec - Laboratório de Tecnologias para
educação, inclusão e inovação**

Coordenador

Luiz Manoel Silva de Figueiredo

Desenvolvimento Instrucional

Luciane Rangel e Mariana Cunha

Revisão

Mariana Cunha

Programação Visual

Gabriel Brasil e Marcos Maurity

Conteudistas

Luciane Rangel e Mariana Cunha

DVD**Direção e Produção**

Mariana da Cunha Teixeira de Souza

Luciane Rangel Rodrigues

Edição e Produção

Leandro Lima de Souza

Roteiro

Mariana Cunha

Capa do DVD

Leandro Lima de Souza

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R196 Rangel, Luciane; Cunha, Mariana
 Curso de LIBRAS on line | Luciane Rangel; Mariana Cunha
 Niterói: UFF . 2013
 147p.; 21cm.

 ISBN 978-85-915415-0-8

 1. Libras. 2. Línguas. 3. Sinais. 4. Inclusão. - 1ª ed
 I. Títulos

CDU : 419

Dedicamos esse livro a Deus, que nos deu
inspiração, sabedoria e muito amor para que
pudéssemos conviver juntas no crescente
aprendizado da Língua Brasileira e todo
o universo que a envolve. Agradecemos
a Ele cada momento de alegria, de
descobertas, por honrar cada dificuldade
e principalmente pela oportunidade de
entender e aceitar o outro como ele é.

A Deus toda a glória.

Amém.

Apresentação

Este livro faz parte da importante pesquisa e experiência de campo realizadas pelas professoras Luciane Rangel (surda) e Mariana Cunha, com o objetivo de expandir o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, assim como a cultura surda, a partir de uma visão não clínica, mas antropológica. A relevância de tal visão se dá justamente pela ideia equivocada que a maioria linguística tem a respeito do surdo (minoridade linguística) como uma pessoa incapaz, que não possui poder de abstração e que necessita de tratamento. Toda essa incompreensão a respeito da surdez é devida à visão clínica e ao pouco estudo dirigido à Língua de Sinais. É válido lembrar que a medicina é de extrema importância no processo de diagnóstico, porém é preciso compreender e aceitar a existência de uma cultura surda e sua língua.

Diante desse quadro, é com muita satisfação que esse material didático é oferecido para uso público, almejando capacitar futuros profissionais nessa língua. Atualmente, há no Brasil cerca de 5 milhões de surdos. Para essa significativa parcela da população, a língua de sinais se transformou em uma chave para o mundo, a qual os possibilita acesso à comunicação, conhecimento, educação e vida social. O aprendizado da língua portuguesa, quando acontece, se dá como segunda língua. No entanto, esse processo de aquisição de uma língua oral pelo indivíduo surdo pode levar muitos anos e simplesmente não acontecer de forma plena. Por isso, a estratégia usada pelos surdos para estabelecer uma comunicação básica com o mundo ouvinte é através do português escrito, com o mínimo possível de flexões verbais, artigos, preposições e conjunções. Apesar de ser uma boa alternativa, quando o assunto é formação de profissionais e inclusão social, é preciso pensar mais à frente. Sente-se, então, a necessidade de capacitar os futuros profissionais nessa língua tão nossa quanto a Portuguesa. Por isso, em 2002, através da lei 10.436, a Língua Brasileira de Sinais é reconhecida oficialmente como a língua natural da comunidade surda e seu ensino, para os alunos de licenciatura, torna-se obrigatório nas universidades (Decreto 5.326/05).

A partir dessa realidade, apresentamos o presente material.

Sumário

Apresentação	06
Aula 1 – O mundo dos surdos	
O que é a surdez?	10
A história do surdo no mundo	11
Aula 2 - A história do surdo no Brasil	
A criação do INES	16
Aula 3 – Datilologia e Gramática de Libras	
Datilologia	20
Gramática de Libras	24
Aula 4 – Identidade Surda	
Identidade surda	34
Aula prática	37
Aula 5 – Português de surdo ou Português de ouvinte? Qual a diferença?	
Português de surdo ou Português de ouvinte?	42
Aula prática	45
Aula 6 – Tipos de verbos na Libras	
Verbos com marca de concordância	54
Verbos sem marca de concordância	54
Atividade	54
Aula 7 – Classificadores	
Tipos de classificadores	66
Para treinar um pouco mais	78
Aula 8 – Derivação na Libras	
O que é derivação na Língua Portuguesa?	84
Derivação na Libras	86

Aula 9 – Educação Especial x Educação Bilíngue x Educação Inclusiva.

Qual a diferença? 96

Aula 10 – Desvendando os mitos da comunicação

O que é mito e o que é verdade? 100

Momento de reflexão 103

Aula 11 – Cultura e Comunidade surda. Qual a diferença?

Cultura surda 106

Comunidade surda 106

Para refletir 111

Aula 12 – Dialeto ou Idioleto?

Variação linguística 114

Dialeto 116

Idioleto 117

Aula 13 – Aquisição da Língua de Sinais pela criança surda

Qual a idade certa para a criança surda adquirir a Libras? 124

Estágios da aquisição da linguagem 124

Aula 14 – Preconceito linguístico na Libras

Preconceito linguístico 134

Surdos com preconceito da Libras? 134

Para refletir 137

Aula 15 – Os personagens surdos

Personagens surdos 142

Para refletir 144

Aula prática 145

Aula 1

O Mundo dos Surdos

Curso de
LIBRAS
online



O que é surdez?

Para entendermos o que é a surdez, antes precisamos pensar a respeito do que seja a audição.

“A audição é o sentido responsável por captar todo o tipo de informação sonora do nosso meio”.

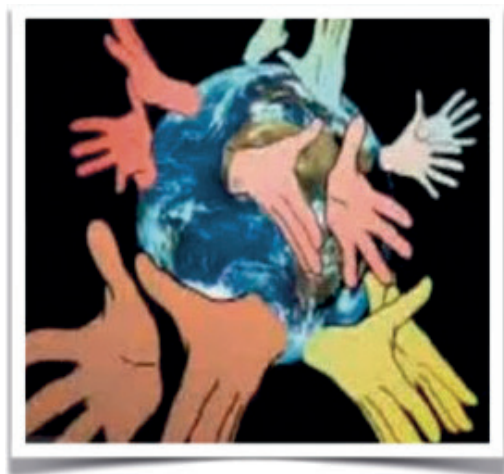
Sendo assim, uma pessoa é diagnosticada surda quando ocorre perda total do aparelho fonador, impedindo o reconhecimento sonoro.

No entanto, temos também situações em que ocorre uma perda parcial da audição e não total. Nesses casos a pessoa consegue reconhecer alguns sons ou até mesmo diálogos, porém em uma escala audível mais baixa. Esse grupo de pessoas é reconhecido pela medicina como *deficientes auditivos*.

É preciso esclarecer a diferença existente entre surdos e deficientes auditivos. A questão da surdez ultrapassa os limites da ciência e entra em um âmbito cultural, de identidade e aceitação da natureza surda. Principalmente da sua língua. Já o deficiente auditivo não possui necessariamente uma identidade surda, pois de modo geral ele participa do mundo dos ouvintes e compartilha a mesma língua que eles, ainda que tenha certa dificuldade para acompanhar.



A história do Surdo no Mundo



Apesar de termos uma literatura escassa a respeito do surdo nos primórdios dos tempos, a verdade é que ele sempre existiu; assim como o ouvinte. A diferença é que a surdez não era compreendida e por isso considerada sinônimo de incapacidade.

De um modo geral, na antiguidade, os surdos eram oferecidos como sacrifício em rituais religiosos, jogados de penhascos, atirados ao mar, tudo

isso porque as pessoas acreditavam que o surdo não possuía a capacidade de raciocínio. O próprio filósofo **Aristóteles** afirmava que as pessoas que nasciam surdas, por não possuírem a linguagem, não eram capazes de pensar. Somente em Constantinopla os surdos podiam exercer algumas atribuições, no entanto sempre tarefas simples, tais como: serviço de corte, pajens das mulheres ou bobos, para entretenimento das autoridades da época.

Olhar o surdo e vê-lo como incapaz era o pensamento comum, pois a ausência de comunicação aparente permitia a sociedade julgá-lo como “*não pensante*”. Eles eram proibidos de participar de determinados rituais religiosos, tais como a santa ceia e comunhão; também não tinham o direito ao voto, à educação, assim como outros próprios de um cidadão. O imperador romano **Justiniano, 529 d.C.**, foi quem decretou a lei que proibia os surdos de celebrar contratos, elaborar testamentos, possuir propriedades e o direito à herança.

Na antiguidade, o filósofo grego **Sócrates**, ao contrário de muitas pessoas de sua época, tinha uma visão diferente em relação aos surdos. Um olhar muito mais avançado para a época. Em uma conversa com seu discípulo Hermógenes, Sócrates perguntou:

“Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?” Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (Cratylus de Plato, discípulo e cronista, 368 a.C.).

Santo Agostinho também acreditava que a comunicação através dos sinais era equivalente à fala e por esse motivo ele justificava que os surdos poderiam ser salvos, pois havia compreensão da salvação por parte deles. Em sua concepção, os surdos eram fruto dos pecados dos pais. Uma espécie de maldição hereditária.

Na idade moderna, outros estudiosos iniciaram a defesa ao surdo, como por exemplo, o Monge beneditino **Pedro Ponce de Leon** (1510 – 1584), que defendeu o direito à herança; **Fray de Melchor Yebra**, de Madrid, que escreveu livro chamado *“Refugium Infirmorum”*, no qual descreve e ilustra o alfabeto manual da época.

Apesar dessas tentativas de defesa aos direitos do surdo, a luta pela sua liberdade de expressão ainda estava muito longe de chegar.

Em 1620, o padre e educador espanhol **Juan Pablo Bonet** se tornou o pioneiro na educação de surdos ao publicar o livro: *Redução das Letras e Arte de Ensinar a Falar os Mudos*. No entanto seu trabalho só consistia em ensinar uma forma mais fácil de datilologia (soletração do alfabeto manual), excluindo, assim, os gestos. Para ele, a datilologia serviria como uma tradução da língua oral. Na verdade o único intuito de Bonet era ensinar ao surdo, através da datilologia, a língua oral (falada e escrita). **John Wallis** (1616-1703), educador de surdos e também estudioso da surdez, tentou ensinar vários surdos a falar através de gestos. Abandonou esse método de ensino, dedicando-se mais ao ensino da escrita. Numa mesma ideia de tornar o indivíduo surdo um ouvinte, podemos apresentar o médico suíço **Konrah Amman**, defensor da leitura labial. O médico acreditava que a fala era uma dádiva de Deus, a qual tornava o ser de fato humano. Amman não considerava os surdos não-oralizados como humanos. Em sua metodologia de ensino, Konrah usava os gestos para alcançar a oralidade, apesar de defender a ideia de que eles atrofiavam a mente.

Apesar da forte influência para o oralismo, ainda havia uma corrente que ia de encontro a essa metodologia. Um dos grandes pioneiros dessa corrente de oposição foi o médico **John Bulwer**, o qual defendia arduamente a língua gestual como a essência da educação dos surdos. Ao observar dois surdos se comunicando através de gestos, o médico constatou que a não havia comprometimento algum no sistema cognitivo dos surdos. A comunicação era realizada da mesma forma que ocorre com os ouvintes.

Quando os estudos começavam a apontar a capacidade intelectual do surdo como indivíduo, em 1778 surge uma nova corrente. O estudioso **Samuel Heinicke**, conhecido como o “*Pai do Método Alemão*”, fundou a primeira escola de *oralismo puro* em Leipzig. O método do oralismo puro consiste em atribuir ao surdo uma identidade de ouvinte. Nesse caso, o surdo frequentava a escola para aprender a escrever e a falar a língua oral e não a língua de sinais. Para a sociedade a língua de sinais era vista como vergonhosa, manifestação de loucura, extravagância. Não se tinha uma compreensão sobre os sinais e sua eficiência comunicativa.



Já na idade Contemporânea, tivemos novos avanços quanto à compreensão do Surdo e de suas capacidades intelectuais. Um exemplo desse progresso foi o educador **Abade Charles Michel de L'Épée** (1712-1789). O filantrópico francês teve a oportunidade de conhecer, em Paris, duas irmãs gêmeas surdas que se comunicavam através de sinais. A partir daí, L'Épée manteve contato com os surdos carentes e humildes, procurando aprender seu meio de comunicação e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a língua de sinais.

Um dos seus grandes feitos foi a fundação da primeira escola pública para os surdos *"Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris"*. Seu conhecimento capacitou muitos professores na língua de sinais, permitindo dessa forma que a educação estivesse ao acesso deles. L'Épée defendia a língua sinalizada como a língua do surdo, reconhecendo-o assim como ser humano, adotou o método de ensino coletivo e também se declarava contra o processo de oralização dos surdos, pois alegava que eles já possuíam sua língua. Seria perda de tempo e sem sentido fazê-los falar.



Aula 2

A história do Surdo
no Brasil

Curso de
LIBRAS
online



A criação do INES

Em junho de 1855, o surdo francês **Ernest Huet**, apresenta ao Imperador D. Pedro II um relatório revelando a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil e também sua experiência como diretor em uma instituição para surdos na França: o Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges.



O governo imperial apoia a iniciativa de Huet e destaca o Marquês de Abrantes para acompanhar de perto o processo de criação da primeira escola para surdos no Brasil.

Começou como *Collégio Nacional para Surdos-Mudos*, depois passou a ser chamado de Instituto Imperial para Surdos-Mudos. Com o passar do tempo o nome foi constantemente modificado, tendo o nome estabelecido como *Instituto Nacional de Educação de Surdos*, em 1957.

Por ser a única instituição de educação de surdos no Brasil, o INES recebeu alunos de todo o país e também do exterior, tornando-se referência para os assuntos de educação, profissionalização e socialização de surdos.

A língua de sinais praticada pelos surdos no Instituto, de forte influência francesa devido à nacionalidade de Huet, é espalhada por todo o Brasil.

Outra ação importante para a difusão dessa língua dá-se no ano de 1875, quando o ex-aluno **Flausino José da Gama** desenha o livro *“Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos”*, com cópias para várias localidades do Brasil.

Por muito tempo o trabalho realizado na gráfica do Instituto, pelos surdos, foi referência no Rio de Janeiro, recebendo encomenda de encadernação de quase todas as instituições públicas e particulares nas primeiras décadas da República.

Mesmo assim, em 1911, o INES passou a seguir o “Método de Oralismo Puro”, conforme tendência mundial. Entre os anos de 1930 e 1947, o ex-diretor do INES, **Armando Paiva Lacerda**, proíbe os sinais, restringindo a língua a somente um veículo para reprodução da língua oral. Para tal, o aluno só fazia uso da datilologia e deveria ter sempre à mão um bloco de papel e uma caneta.

Esse retrocesso no andamento da língua de sinais só causou prejuízo para o surdo. No entanto, com o passar dos anos, o oralismo passou a ser questionado pelos estudiosos, principalmente pelo fato dos alunos surdos continuarem a usar a língua de sinais escondidos dos professores. Foi então que, em 1950, chegou ao Brasil a “comunicação total”. Esse método consistia em usar simultaneamente a “língua oral com a língua sinalizada”, tendo assim a leitura labial, reprodução da fala e o reconhecimento e manifestação dos sinais.

Em 1982, a pesquisadora Lucinda Ferreira Brito inicia uma pesquisa sobre a língua de sinais em uma tribo de índios, na floresta amazônica brasileira. Lucinda percebeu que a língua de sinais não era somente um veículo de comércio, mas sim uma língua que se bastava em si mesma.

Ao passar um tempo ao lado desses índios, a pesquisadora constatou que havia uma comunicação clara entre eles, baseada em signos sinalizados.

A partir dos estudos de Lucinda, muitas pesquisas foram iniciadas e a surdez passou a ser vista como objeto de estudo educacional.

Em 1990 o bilinguismo entra em vigor no Brasil, método criado na Suécia, o qual reconhece a necessidade do indivíduo surdo ter o direito a sua língua (língua de sinais), assim como a língua portuguesa escrita. Muitos surdos adotam o processo fonoaudiológico, para reprodução da fala, no entanto, a partir desse momento, a sociedade começava a caminhar para o entendimento de que o Surdo possui sua própria língua, portanto não deve ser forçado à fala.

Com apoio de pesquisas realizadas na área da linguística, que confere status de língua à comunicação gestual entre surdos, esse movimento ganha corpo.

Finalmente, em 2002, a Língua de Sinais Brasileira, LIBRAS, é reconhecida como língua oficial dos Surdos (*lei 10.436 de 24 de abril de 2002*).

Aula 3

Datilologia e a
Gramática da Libras

Curso de
LIBRAS
online



Datilologia



É atribuída ao monge Pedro Ponce de León (1520-1584) a invenção do primeiro alfabeto manual conhecido. Esse trabalho está registrado nos livros da instituição religiosa que relata sucesso de uma metodologia que incluía datilologia, escrita e fala.

A datilologia atual, também conhecida como alfabeto manual, é parte integrante das línguas de sinais. Sua função é soletrar as palavras que não possuem sinais.

A Libras possui formas diferentes de representação numérica. Isso ocorre para que fique clara a intenção de quem sinaliza. Essa variação ocorre quando precisamos dividir os números em categoriais, tais como: cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana/mês, horas e valores monetários.

Segundo Strobel (1998, p. 37), “ [...] a sinalização dos numerais depende da situação”.

Vejamos os numerais:

a) Números cardinais x números de quantidade: do 1 ao 10 as representações são diferentes para os sinais de quantidades e cardinais. A partir do número 11 (onze) são idênticos.

b) Números ordinais x números cardinais: do 1 ao 9 têm a mesma configuração de mão, porém os ordinais possuem movimento. Do 1º ao 4º possuem movimentos para cima e para baixo, já do 5º ao 9º os movimentos são para os lados. A partir do número 10 (dez) não há diferença.

Na LIBRAS há dois sinais diferentes para a palavra “dia”: um sinal relacionado a dia do mês, que é a datilologia D-I-A, e o sinal DIA.

Os numerais de 1 a 4 podem ser incorporados aos sinais DIA (duração), SEMANA, MÊS e ANO e VEZ.

A partir do número 5 (cinco) não há mais nenhuma incorporação e a construção utilizada é formada pela união do sinal com o número. Essa construção também pode ser usada para os numerais inferiores a 5, que permitem a incorporação mencionada anteriormente.

Exemplos:

El@ estudar **cinco meses** Libras: número 5 + sinal referente a mês.



Cinco meses



Eu esperar **quatro meses** salário: incorporação do número 4 (quantidade) dentro do sinal referente a mês.



Quatro meses

Aos sinais DIA (duração) e SEMANA podem ser incorporadas a frequência ou duração através de um movimento prolongado ou repetido.

Eu trabalhar **quinze-quinze dias**.



Quinze-quinze dias

El@ trabalhar **cinco semanas** sem parar.



Cinco semanas



Gramática da Libras

Como toda língua, a Libras também possui sua gramática. O que realmente a difere da gramática da língua portuguesa é a sua modalidade gesto-visual. É possível destacar mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos nas línguas de sinais. Justamente por isso que são reconhecidas como línguas, pois esses mecanismos que permitem a passagem do nível da lógica até o nível da abstração.

É importante destacar que, apesar de ser uma língua de certa forma icônica, isto é, que procura representar através dos sinais o referente real, a Libras não se trata de uma reprodução gestual da língua portuguesa. Essas duas línguas possuem suas próprias estruturas gramaticais. Não existe uma língua original e uma adaptação dela. Muito menos uma língua de sinais universal. Cada país possui sua língua de sinais, a qual sofre variação linguística de estado para estado, como também de acordo com a faixa etária, grupo social etc.

Sendo assim, da mesma forma que a língua portuguesa possui seu léxico, ou seja, seu próprio conjunto de palavras, a Libras também possui, porém no lugar das palavras entram os sinais. No entanto, a Libras também conta com certa interferência da língua portuguesa escrita. Afinal de contas, a datilologia nada mais é do que a representação sinalizada das palavras de uma língua oral-auditiva.

Como assim? Por exemplo: Quando duas pessoas são apresentadas, elas primeiramente se identificam pelo nome soletrado e depois pelo sinal, sendo esse a representação do seu nome em Libras. Temos também situações em que a pessoa se refere a um lugar, objeto, enfim, a alguma coisa que ainda não possui sinal, ou ela desconhece. Novamente a datilologia entra para suprir essa necessidade linguística.

De acordo com a pesquisadora Luciana Ferreira Britto [1990]:

“O sinal é formado a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo esse lugar ser uma parte do corpo ou um espaço à frente dele”.

Na língua de sinais essas estruturas fonológicas são extremamente importantes e a elas chamamos: parâmetros. Na Libras podemos destacar 5 parâmetros. São eles:

1. Configuração das mãos – é o formato que a mão assume no momento da sinalização, podendo acontecer tanto na datilologia, quanto na reprodução de um sinal. É válido lembrar que um mesmo sinal pode ter em si mais de uma configuração de mão, como por exemplo o sinal referente à caneta.



Caneta

2. Ponto de articulação: é o local do corpo onde a mão predominante toca ou o espaço neutro onde a mesma mão se localiza.



Comer



Fome

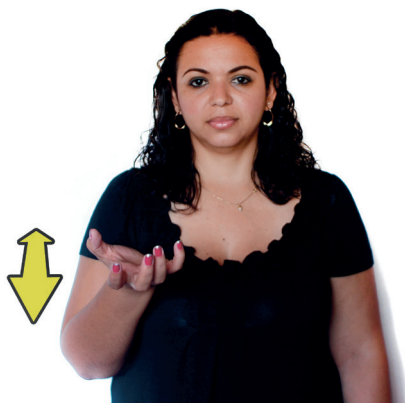


3. Movimento: os sinais podem tanto ter movimento, como não. Vejamos alguns exemplos:



Aprender

4. Orientação: os sinais podem contar com uma orientação das mãos para alcançar seu significado pleno. Muitas vezes a orientação oposta significa a oposição da ideia, o contrário ou uma concordância número-pessoal.



Querer



Não querer



Ir

**Vir**

5. Expressão facial e/ou corporal: muitos sinais possuem a expressão fácil e/ou corporal como um diferenciador. Dentre eles, temos:

**Feliz**



Triste



Roubar





Ato sexual

Portanto, na combinação desses parâmetros, ou de quase todos eles, temos o sinal. A partir daí, temos as sentenças e enfim o diálogo.

Aula 4

Identidade Surda

Curso de
LIBRAS
online



Identidade Surda



Quando pensamos em comunicação entre surdos e ouvintes, na maioria das vezes tratamos o conjunto “surdo” como homogêneo. Como se todos os surdos tivessem as mesmas necessidades, experiências de vida, nível de relação com a língua portuguesa entre outros aspectos. Essa visão nos direciona a um grande equívoco: a padronização do ser surdo.

Assim como os ouvintes possuem subgrupos, tais como: os mais ansiosos, os mais espertos, os mais lentos, os de raciocínio mais lógico, os mais subjetivos, os atenciosos, os desatenciosos e assim por diante; os surdos possuem as mesmas categorias, porém com um diferencial: todos eles fazem parte de uma minoria linguística em contraposição aos ouvintes.

É muito importante entendermos esse processo de criação de uma identidade surda não como um diagnóstico médico, como o ensino tradicional vem impondo ao longo dos anos, analisando qual o grau de deficiência de cada surdo, mas sim como a aceitação de uma cultura que sempre existiu, porém ainda luta pelo seu espaço linguístico.

A literatura enumera uma série de possíveis identidades surdas, levando em consideração o nível de interferência da cultura ouvinte na vida do surdo e principalmente: como se deu a surdez.

Analisar o processo de identificação do ser surdo com a sua própria língua, assim como a poder de influência da língua portuguesa na aquisição de conhecimentos desse indivíduo se tornam dois pontos essenciais para entendermos o que é a identidade surda. A partir daí, podemos refletir a cerca das várias identidades propostas até então.

Antes de expor aqui algumas das identidades surdas categorizadas pela literatura, vamos refletir um pouco a respeito do que significa identidade. De acordo com o dicionário Aurélio, *“identidade é aquilo que faz uma coisa ser da mesma natureza que outra. É o conjunto de caracteres de um sujeito...”*. Partindo desse conceito de identidade, podemos começar a analisar o seguinte: Nós já nascemos com uma identidade ou adquirimos ao longo de nossas vidas? Essa é uma pergunta-chave para entendermos o que é de verdade uma identidade surda.



Stuart Hall, em *“A identidade Cultural da Pós-modernidade”*, 10ª edição, página 13, afirma que:

“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurradas em diferentes direções...”

Baseando-nos na afirmação de Hall, observamos que a identidade é construída empiricamente, ou seja, em consonância com as experiências vividas. Sendo assim, fica muito difícil pensarmos numa padronização de identidades.

Ainda analisando esse fragmento, observamos uma luta de identidades dentro do mesmo indivíduo. Esse deslocamento do “eu” é negociável. Ocorre em conformidade com as circunstâncias socioculturais. De acordo com as interferências externas a ele, isto é: a sociedade.

Tendo refletido sobre o que significa identidade, sobre sua formação e atuação dentro do sujeito, veremos agora algumas das categorias de identidades surdas criadas, lembrando-nos de que a identidade é construída de forma individual e essas categorias são somente representações de um estado de aceitação ou não da condição do ser surdo, sempre em oposição ao ouvinte.



- 1. Identidade Surda:** são os surdos que se aceitam como tal. Geralmente filhos de pais surdos, tem a Libras como L1, são mais politizados e tem plena consciência das diferenças culturais entre surdos e ouvintes.
- 2. Identidade Surda Híbrida:** são surdos que nasceram ouvintes e conhecem a estrutura do português falado.
- 3. Identidade Surda de Transição:** são os surdos oralizados, que cresceram num ambiente de ouvintes e foram submetidos a processos fonoaudiológicos, tendo a língua portuguesa como L1 até que descobrem a comunidade surda e passam por um processo de transição da língua oral-auditiva para a língua gestual-visual.
- 4. Identidade Surda Incompleta:** são os surdos que cresceram em ambientes de ouvintes e tem a língua portuguesa como L1. Essas pessoas não conseguem fazer a transição da língua portuguesa para a Libras, podendo viver nas duas comunidades ou somente com ouvintes.
- 5. Identidade Surda flutuante:** são surdos que podem ter ou não consciência da própria surdez, devido ao convívio com ouvintes. São pessoas que vivem na comunidade ouvinte como se fosse um deles, admitindo as barreiras da comunicação como um desafio a superar diariamente. Esse grupo de surdos não militam pela causa da comunidade surda, ficam entre as duas comunidades, muitas vezes sem uma comunicação plena em nenhuma delas.

**REFLITA**

Partindo do que foi ensinado nessa aula, como podemos pensar em uma inclusão social a favor dos surdos, levando em consideração que eles não fazem parte de um conjunto homogêneo?

Aula Prática

Vamos aprender alguns sinais básicos de comunicação?

Oi!



Tudo bem?



Bom-dia!



Boa-tarde!



Aula 5

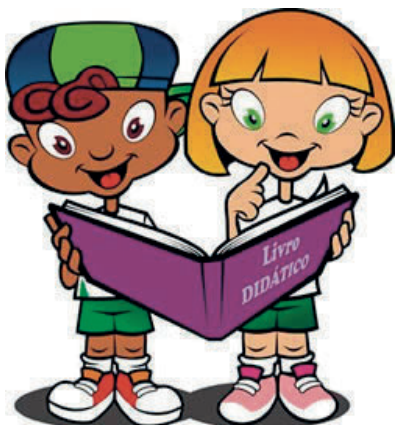
Português de surdo e
português de ouvinte.
Qual a diferença?

Curso de
LIBRAS
online



Nesta aula vamos debater um pouco a respeito do que seja o “*português de surdo e português de ouvinte*”. Por que existe uma língua portuguesa usada pelos ouvintes e outra pelos surdos? Como se dá esse processo?

Preparados? Então, vamos lá!



O ouvinte possui quatro maneiras de trabalhar a língua oral, no nosso caso a portuguesa. São elas: a. pelo ouvir; b. pelo falar; c. pelo ler, d. pelo escrever.

O ouvir e ler se constituem canais de aquisição linguística, ou seja, meio pelo qual o sujeito inicia o processo de aprendizagem da língua oral. Já o falar e o escrever configuram-se os meios de reprodução dessa língua. Nesses quatro casos, o ouvinte usa os quatro sentidos: 1. a visão, para ler; 2. a audição, para ouvir; 3. o palato, para falar; 4. o tato, para escrever.

No entanto, esse processo não ocorre da mesma forma com o surdo, uma vez que ele não conta com a audição como canal de aquisição linguística e quando falam, reproduzem o que o não podem ouvir. Sendo assim, ficam em desvantagem em relação aos ouvintes, contando apenas com dois sentidos: a visão e o tato.

Essa diferença pode parecer simples, porém no processo de aquisição de uma língua ela se transforma no principal obstáculo a ser enfrentado. Principalmente quando as línguas pertencem a modalidades diferentes.

Quando um surdo começa seu processo de aprendizagem na língua de sinais, ele começa a ganhar conhecimento de mundo pelo canal que lhe é adequado: visual. Sua forma de reprodução da língua adquirida é a sinalização, usando assim as mãos – o tato. Quando esse mesmo sujeito se depara com uma língua oral, como por exemplo a língua portuguesa, começam as dificuldades.

A primeira delas é que a língua portuguesa, assim como a maioria das

línguas orais, possuem a característica redundante de marcação de tempo, número e pessoa. Como é isso? Vamos ver um exemplo:

“Eu sempre como peixe”

Nessa oração temos a marcação de pessoa em duas formas: pronominal e verbal [Eu e como – 1ª pessoa do singular]

Temos também duas marcações de tempo: verbal e adverbial [como – *presente do indicativo* – e sempre]

Esse é um exemplo simples de como se constrói o discurso numa língua oral-auditiva. Já numa língua gesto-visual, a formação das sentenças são mais resumidas, uma vez que muitos sinais são icônicos, isto é, reprodução da forma real do referente. Sendo assim, não há a necessidade de dupla marcação.

Portanto, quando o surdo se depara com a língua portuguesa, repleta de flexões verbais, somadas aos diversos advérbios, acontece um primeiro conflito linguístico.

O segundo problema ocorre com os famosos conectivos da língua oral. E especialmente na língua portuguesa encontramos uma quantidade considerável deles. Vamos começar com um conectivo muito usado pelos falantes: a preposição. Esse conectivo é de grande importância na construção de um diálogo. Se resolvermos tirar todas as preposições dessa nossa aula, é bem capaz de não conseguirmos entender quase nada do que foi escrito. Isso acontece porque, para a modalidade da língua portuguesa, as preposições possuem valor congênito. Conectores que estabelecem sentido nas orações.



Já na língua de sinais, esse sentido atribuído à preposição, quando aparece, encontra-se dentro do próprio sinal. Isso acontece justamente porque a língua de sinais possibilita a visualização do discurso, não sendo necessário o uso dos muitos conectores encontrados nas línguas orais.

Complicado? Então vamos novamente aos exemplos.

A mesma oração usada anteriormente para descrever o processo

linguístico do português pelo seu falante materno, usaremos agora na visão do sujeito surdo, enquanto segunda língua.

“Eu sempre comer peixe”

Como podemos observar, a língua portuguesa na versão do surdo representa, na maioria dos casos, a forma exata da sinalização. Temos o sujeito da oração, representado pelo pronome do caso reto “eu”, temos o tempo em que a ação ocorre através do advérbio de tempo “sempre”, temos o verbo da oração “comer”, que mesmo no infinitivo não perde o sentido por estar acompanhado dos demais complementos.



Portanto, não encontrar flexão verbal, artigos, preposições e outros conectores comuns às línguas orais, faz parte do processo de aquisição e reprodução da língua oral-auditiva pelo indivíduo surdo. Sendo assim, é necessário que haja uma avaliação diferencial nas escolas e faculdades quanto a proficiência do surdo na língua portuguesa. É muito importante levar em conta que a diferença da modalidade das duas línguas se torna um obstáculo no aprendizado, necessitando de estratégias próprias para esse tipo de avaliação, como também do respeito à língua do outro.

“Quando eu aceito a língua da pessoa, eu aceito a pessoa... Quando eu rejeito a língua da pessoa, eu rejeito a pessoa, porque a língua é parte de nós mesmos... Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos ensiná-los, mas devemos permitir-lhes ser surdo”.

Terje Basilier

Aula Prática 5

Agora que já aprendemos um pouco mais sobre as diferenças no processo de aquisição de uma língua, que tal alongarmos um pouquinho as mãos para praticarmos a Libras?



Então, mãos à obra!

Família

a. Mãe



b. Pai



c. Ti@



d. Filh@



e. Prim@



f. Sobrinh@



Substantivos

1. Homem



2. Mulher



3. Namorad@



4. Casa



5. Apartamento



6. Banheiro



7. Cozinha



Aula 6

Tipos de verbo na
LIBRAS

Curso de
LIBRAS
online



Na Língua Brasileira de Sinais podemos destacar, em especial, dois tipos de verbos. São eles:

- a) Verbos que não possuem marcas de concordância;
- b) Verbos que possuem marcas de concordância.



Ficou um pouco confuso? Não se preocupe! É mais fácil do que parece! O recurso linguístico de marcação ou não de concordância em Libras possui o mesmo raciocínio lógico que ocorre na Língua Portuguesa. A maior diferença está mesmo na modalidade da língua. Pode não parecer, mas a Libras e a Língua Portuguesa possuem muitas similaridades gramaticais.

Para entendermos melhor como são os verbos na Língua Brasileira de Sinais, precisamos nos lembrar das aulas passadas em que aprendemos sobre os parâmetros da Libras. Vocês se recordam dos 5 parâmetros? Para ajudar na compreensão da formação dos verbos na Libras, colocaremos a seguir a tabela com as configurações das mãos, um dos 5 parâmetros, utilizadas na Língua Brasileira de Sinais. Essa tabela é disponibilizada pelo INES, Instituto Nacional de Educação de Surdos.

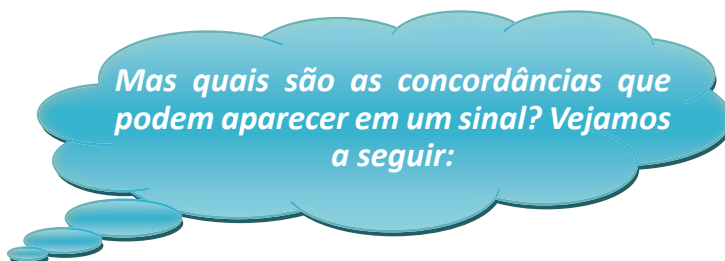
Configurações de mãos



Fonte: Grupo de pesquisa do curso de LIBRAS do Instituto Nacional de Educação de Surdos

a) Verbos que não possuem marcas de concordâncias:

São os verbos que aparecem sempre no infinitivo, sem marca alguma de concordância.



- a) Número-pessoal;
- b) Gênero;
- c) Localização.

Exemplo de verbos que não possuem nenhum tipo de concordância:

1. *Eu comprar blusa.*
2. *El@ trabalhar Globo.*
3. *El@ costurar Loja Marisa.*

b) Verbos que possuem marcas de concordâncias:

São verbos que possuem pelo menos uma das três concordâncias citadas anteriormente.



Mas como saber se o sinal possui ou não essa marcação? Vejamos:

a) Número-pessoal: são sinais que normalmente apresentam marcação direcional. Nesse caso, tanto o movimento do sinal, quanto a sua orientação se constituem características das pessoas dentro de um discurso.

Exemplo:

- a. Eu telefono **para** você e você **me** telefona. [me – substituindo “para mim”]
- b. Eu vou **à** sua casa e você vai **à** minha casa.

O que podemos observar nesses dois exemplos?

Se analisarmos as duas sentenças e compararmos a estrutura gramatical da língua portuguesa, modalidade oral-auditiva/escrita, com a estrutura gramatical da Libras, modalidade gesto-visual, veremos que os verbos das orações citadas pedem preposição, porém não é qualquer uma trata-se de um conectivo que indique direção, sentido da ação. E essa preposição também aparece na Libras, porém dentro do próprio sinal, quando a ele é atribuída a direção.

b) Gênero: são os sinais caracterizados pela configuração das mãos, por isso possuem a função de classificador os substantivos (animal, pessoa ou objeto).

Exemplo:

Pessoa:

Homem andando: configuração de mão 54 e 32; movimento para frente.



Animal:

Leão andando: configuração de mão 69 em ambas as mãos; movimento para frente.

**Objetos:**

Moto andando: configuração de mão 45; movimento para frente.



Nesses casos podemos observar que dentro do próprio sinal existem algumas características próprias do gênero a que se refere. Como assim? Quando sinalizamos um homem andando, é possível observar que os dedos representam pernas de uma pessoa. Já no caso do leão, a configuração das mãos fechadas remete às patas do felino. Por último temos o sinal referente a uma moto em movimento, no qual a configuração do dedo indicador à frente, levemente abalado, nos remete ao pneu da moto.

c)Localização: são verbos que iniciam ou terminam no lugar da pessoa, objeto ou animal do discurso. Nesses casos o ponto de articulação é quem delimita o sinal.

Exemplo:

a. Um homem **cai** no chão - Configuração de mão: na mão de apoio 01 e na mão de movimento 54.



Os tipos de oração seguem, geralmente, nesse sentido para facilitar o entendimento, aqui vai uma dica especial:

Cada tipo de concordância acompanha um tipo de parâmetro:

a)Número-pessoal – Orientação

b)Gênero: Configuração de mão

c)Localização: Ponto de Articulação

Vejamos outros exemplos de verbos em Libras:

a. Conhecer alguém ou alguma coisa



b. El@ me avisa



c. Eu aviso a el@



d. Eu aviso a todos



e. Todos me avisam



f. Ler um livro ou revista



g. Pensar em alguma coisa



h. Saber de alguma coisa



i. Ter algo ou alguém



j. (Alguém) trabalhar



Atividade Prática 6

Agora vocês vão filmar as seguintes respostas:

- a. Onde você estuda?
- b. Você já se formou ou ainda se formará?
- c. Você trabalha em qual parte do dia?
- d. Você mora em apartamento ou casa?
- e. Você gosta da sua casa/apartamento?
- f. Quantas pessoas têm na sua casa?

<http://pt.scribd.com/doc/75223518/Verbo-Em-Libras>

Aula 7

Classificadores

Curso de
LIBRAS
online



Vamos estudar nesta aula os Classificadores na LIBRAS. Esse recurso linguístico faz parte da gramática da Língua Brasileira de Sinais e seu uso é fundamental para uma comunicação clara. O sinal correspondente a Classificadores é “CL”. Para evitar a datilologia “C L A S S I F I C A D O R”, a comunidade surda utiliza apenas as duas consoantes, formando um sinal.

A importância dos classificadores se dá, principalmente, por sua função de descrever formas e volumes de objetos, pessoas e animais. Além do mais, quando se quer falar de alguma coisa ou pessoa que não possui um sinal próprio, os classificadores entram na comunicação com o objetivo primordial para estabelecer entendimento através da descrição. Portanto, o uso dos classificadores torna-se um facilitador na comunicação através da Libras, atribuindo ao discurso mais informações.

Além das funções apresentadas, os classificadores possuem também um papel muito parecido com o dos advérbios e adjetivos na língua portuguesa, o que acaba por confundir muitos pesquisadores. Isso acontece porque o “CL” descreve as características de algo ou alguém e também o modo ou intensidade como as coisas acontecem. No entanto, é preciso ter muito cuidado. Os classificadores não são adjetivos ou advérbios. Esses dois recursos também existem nas Línguas de Sinais.

As crianças surdas adoram historinhas contadas por surdos fluentes em língua de sinais, pois eles fazem muito uso dos classificadores, enriquecendo a imaginação delas. Uma das histórias mais famosas na literatura surda é o Pinóquio, produzido pelo ator surdo Nelson Pimenta, da LSBvideo, e Chapeuzinho Vermelho, da atriz Heloise Gripp, produzido pelo INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos. Ambos apresentam vários tipos de classificadores.

“Configurações de Mãos” (CM). É um recurso também muito usado na elaboração dos classificadores. Vejamos:

Configurações de mãos



Fonte: Grupo de pesquisa do curso de LIBRAS do Instituto Nacional de Educação de Surdos

C: maçã; ti@; rápido. Número de CM é 12

Maçã:



Ti@:



Rápido:



L: Sorrir; trabalhar; ontem. Numero de CM é 24

Sorrir:



Trabalhar:

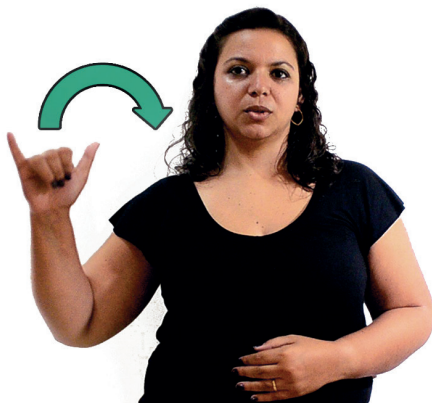


Ontem:



Y: avião; desculpe; evitar. Numero de CM é 64

Avião:



Desculpe:



Evitar:



Os classificadores são divididos em categorias, tais como:

- Classificador Descrito: CL-D
- Classificador Específico: CL- Esp
- Classificador Corpo e parte do corpo: CL – CP
- Classificador locativo: CL- L
- Classificador Semântico: CL- S
- Classificador Instrumental: CL-I
- Classificador de Plural: CL-P
- Classificador de Elemento: CL-E
- Classificador de Nome e numero: CL- N

Classificador Descritivo: CL-D

É uma representação na LIBRAS que descreve as características de objetos, tais como: formas, tamanho, textura, peso e volume.

Exemplo: tipos de vaso, copo.

Tipo de vaso:



Classificador Específico: CL- Esp

Representa características específicas ao tamanho e a forma de uma parte do corpo de pessoas ou animais.

Exemplo: o formato do nariz de uma pessoa, uma orelha de gato.

Orelha de gato:



Classificador de uma Parte do Corpo: CL – PC

Demonstra uma parte específica do corpo quando está fazendo ação ou movimento.

Exemplo: olhos de alguém em movimento, ação de pés andando na lama, ação da boca de hipopótamo.

Boca de hipopótamo:

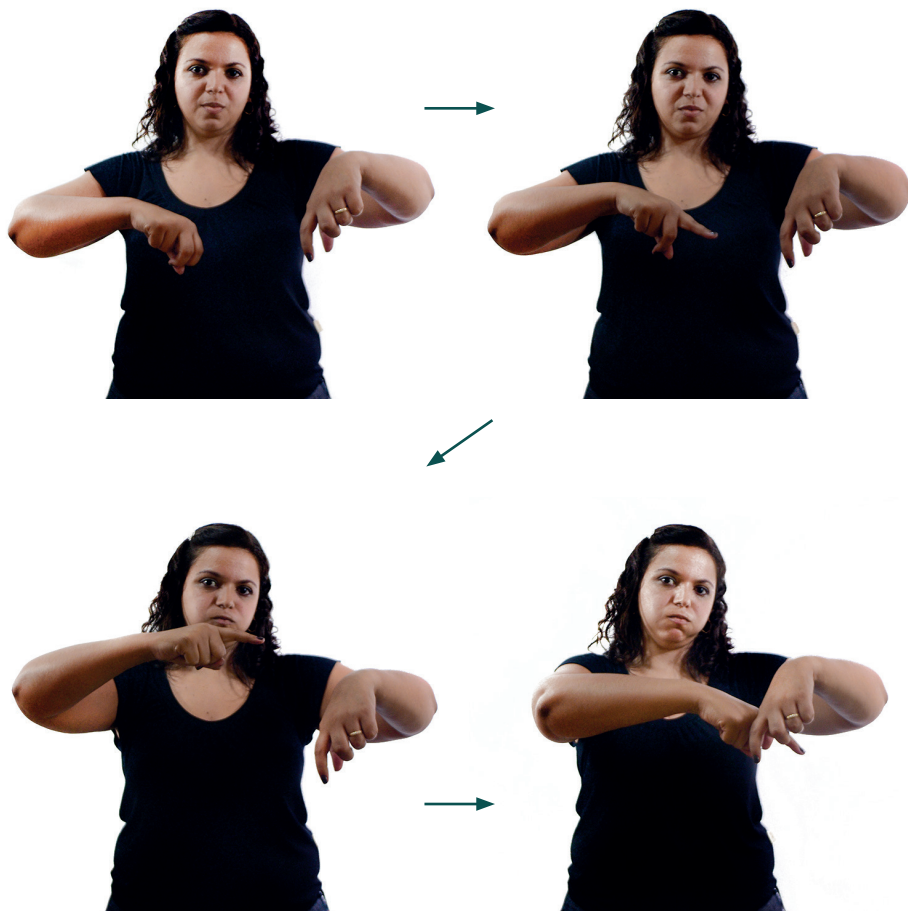


Classificador locativo: CL- L

Apresenta um objeto como lugar em relação a outro objeto.

Exemplo: o alvo onde voa uma flecha, o gol onde entra uma bola.

Gol onde entra uma bola:



Classificador Semântico: CL-S

Representa, na maioria das vezes de forma abstrata, algum objeto, animal ou pessoa em determinado local ou realizando/sofrendo alguma ação. Essa representação não exige das mãos uma configuração exata do objeto representado, mas sim uma configuração de valor semântico.

Exemplo: A letra “Y” sobre a mão indicando um avião parado; a letra R sobre o dedo indicador representando, por exemplo, uma mulher sentada em uma cadeira de pernas cruzadas.

Uma mulher sentada em uma cadeira de pernas cruzadas.



Classificador Instrumental: CL-I

Esse classificador é responsável por atribuir uma forma a cada ação desempenhada.

Exemplo: Virando uma pagina, puxando uma gaveta, cortando a unha, segurando uma bolsa.

Cortar a unha:

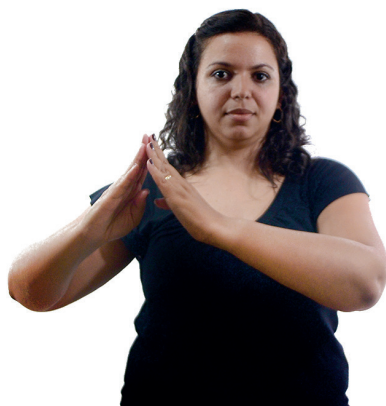


Classificador de Plural: CL-P

Classificador responsável pela pluralidade e movimentação dos objetos, pessoas ou animais.

Exemplo: 2 casas, 3 pessoas correndo, muitas arvores.

2 casas:



Classificador de Elemento : CL-E

Representação do movimento de coisas abstratas.

Exemplo: fumaça saindo da chaminé, água pingando da torneira, vapor de água quente, suor na testa.

Suor na testa:

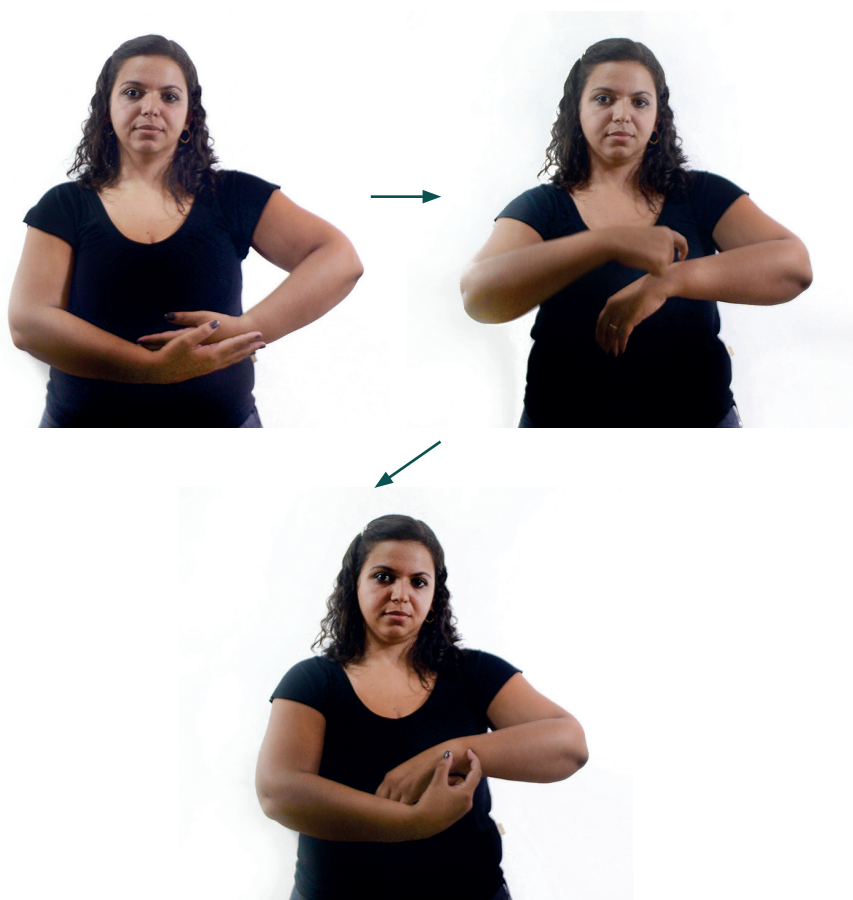


Classificador de Nome e Numeral: CL-N

Esse tipo de classificador apresenta letras, nome e/ou números dentro da sua descrição.

Por exemplos: boné com letra, nome na tatuagem, parede de porta de apartamento com número, pulseira de neném com numero (no berçário do hospital).

Pulseira de neném com numero:



Bicicleta:



Carro andando:



Moto andando:



Pessoa andando:



Pessoa caindo:



Pessoa sentando:



Pessoa surfando:

Nota importante:

Finalizamos o estudo básico para ter noção da importância de utilizar classificadores na Libras. O estudo da gramática da Libras enriquece o vocabulário do aluno! Uma dica: pesquise na internet vídeos sobre Libras ou surdos. Mesmo que pareça um pouco difícil, é muito importante treinar nossos olhos para uma língua visual como essa. Os vídeos são muito importantes para o aluno aprender os sinais dentro de um diálogo. Assim como a Língua Portuguesa não possui uma palavra com um único significado sempre, a Libras não tem um sinal com o mesmo significado em todos os diálogos. Então, vamos fazer essa pesquisa?

Aula 8

Derivação na LIBRAS

Curso de
LIBRAS
online



Na língua portuguesa temos um número grande de palavras que são criadas a partir de outras já existentes. A esse processo chamamos de **derivação**. É muito comum usarmos palavras derivadas. Esse recurso é muito importante para uma língua, pois ele permite a transmissão do significado a partir do radical da palavra de origem. A esse radical podemos acrescentar sufixos ou prefixos. Vejamos:

Ex₁: verbo “conhecer”. A partir desse verbo, criou-se “desconhecer”.

Prefixo “des” [**negação**] + radical “conhecer” = desconhecer.

Ex₂: substantivo “cadeira”. A partir desse substantivo, criou-se “cadeirante”.

Radical: “cadeira” + sufixo “nte” [**personificação da ação**] = cadeirante – pessoa que anda de cadeira de rodas.

Temos infinitos exemplos de derivação na língua Portuguesa, porém é válido ressaltar que esse recurso linguístico não acontece somente com esses sufixos e prefixos, ou ainda mais: não se trata de um recurso estático, que foi construído num passado e não se aplica mais. Um bom exemplo é a incorporação de novas palavras ao discurso do falante e posteriormente, em alguns casos, à própria gramática. Vejamos:

Caso de empréstimo linguístico. Derivação de outra língua.

Ex1: Hoje eu **deleitei** todos os meus e-mails.

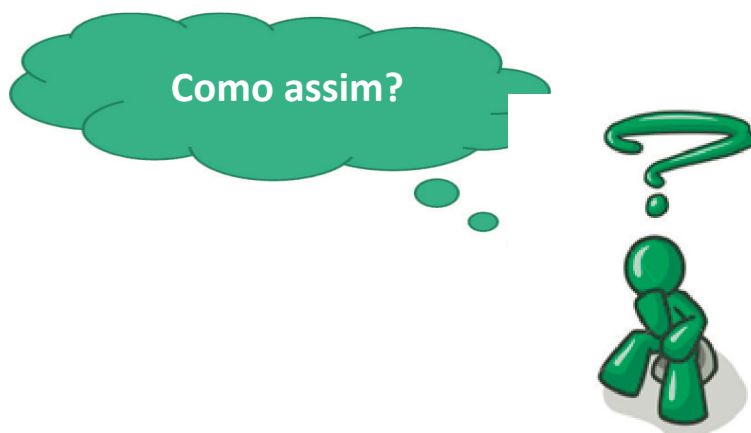
O verbo “deletar” já foi incluído em nossos dicionários. Ele vem do verbo “delete” da língua Inglesa. Foi um empréstimo gramatical de outra língua, ou seja, também uma derivação: delet + “**AR**” – sufixo de ação, primeira conjugação.

Ex2: Você já twittou hoje?

O verbo “twittar” surgiu da derivação do substantivo inglês “Twitter”, uma rede social da internet. Na verdade, nem mesmo em Inglês havia o verbo, porém o grande uso do substantivo acabou sugerindo um “verbo” para representar a ação de utilizar o Twitter. Hoje em dia encontramos facilmente em jornais e revistas. Seu uso já não causa espanto aos leitores.

No entanto, esse recurso linguístico não é restrito às línguas orais. Nas línguas de sinais também usamos sinais derivados de outros. Agora que vimos como se dá a derivação em português, vejamos como esse processo acontece na Libras.

Assim como muitos verbos derivam dos substantivos na língua Portuguesa, na Libras observamos o mesmo, porém o que difere um do outro, na maioria dos casos, é a movimentação; um dos cinco parâmetros da língua.



“Os pares de sinais que diferenciam nomes e verbos foram inicialmente analisados na ASL por Ted Supalla e Elissa Newport, dois pesquisadores que publicaram suas conclusões em 1978. Supalla e Newport observaram que pares de nomes e verbos diferem-se um do outro apenas no tipo de movimento do sinal. Tais conclusões aplicáveis às regras morfológicas da língua de sinais brasileira podem ser ilustradas com o par SENTAR e CADEIRA: a locação, a configuração e a orientação de mão dos dois sinais são as mesmas, mas o movimento é diferente.” (QUADROS e KARNOPP,2004)

A movimentação é o parâmetro mais usado para distinguir um substantivo de um verbo quando acontece um processo de derivação.

Vejamos alguns exemplos de derivação na Libras:

a. Morar x casa



b. Sentar x cadeira



c. Comer x comida

Nas derivações apresentadas nessa unidade, observamos que existe um padrão na movimentação ou repetição atribuída aos sinais. Por exemplo, o substantivo “cadeira” tem um movimento único, de cima para baixo. Quando sinalizamos o verbo “sentar”, o que difere do substantivo é unicamente a repetição de um dos morfemas inclusos nesse sinal, nesse caso CM 32.

No entanto, a movimentação e a repetição não configuram caráter invariável. Tudo depende da intenção do enunciador. Vejamos:

Substantivos

Ex₁: Eu comprei uma **casa** linda!



Ex₂: No congresso da UFF tinha muitos **surdos**.



Por que não temos um número certo de repetição?

Essa variação na repetição de um ou mais morfemas, ou até mesmo de todo o sinal, acontece devido ao uso dos advérbios de intensidade. Por exemplo: se o enunciador deseja ressaltar que comprou uma casa especialmente linda, ele modifica o substantivo com o advérbio de intensidade, assim como fazemos na língua Portuguesa. Sendo assim, a casa pode passar de duas repetições de seu movimento para três ou mais. Sempre de acordo com a intensidade desejada pelo enunciador. No segundo exemplo observamos que o enunciador coloca em evidência o substantivo surdo, uma vez que ele vem posterior ao advérbio de intensidade “muitos”. Na sinalização esse advérbio também aparece, porém dentro do próprio substantivo. Observamos essa ocorrência através da repetição do próprio sinal de “surdo” inúmeras vezes.

Sendo assim, podemos dizer que o processo de derivação é uma porta para criação de novos sinais, assim como na língua Portuguesa para novas palavras.

Nota importante:

Embora a Libras seja uma língua extremamente rica, as pesquisas nessa área ainda são superficiais e muito recentes. Na França, as pesquisas na área de línguas começaram a partir de 1950. Por isso as pessoas desconhecem a existência de uma linguística própria da LIBRAS.



"As línguas dependem do cérebro humano e não do ouvido"
William Stokoe.

Mais Exemplos:

Borracha



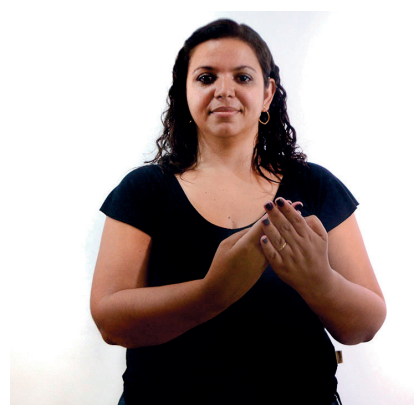
Caneta



Coordenação



Escola



Faculdade



Laptop



Livro



Mochila



Palestra



Pasta



Primeiro ano



Segundo ano



Terceiro ano



Prova



Referências Bibliográficas:

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice: “Curso de LIBRAS 1”. LSBVideo. 1ª edição, ano 2006.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir Becker: “Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos”, Editora Artmed, 1ª edição, ano 2004.

Aula 9

Inclusão escolar x educação
bilíngue x ensino especializado

Curso de
LIBRAS
online





Antes de pensarmos em qual alternativa educacional é a mais apropriada para o aluno surdo, precisamos ter o seguinte pensamento: para que haja uma educação que atenda às necessidades do surdo, é preciso trabalhar com estratégias pedagógicas que se transformem em abordagens adequadas ao espaço de aprendizagem. Não podemos ignorar a diferença cultural quando o assunto é língua.

Se refletirmos com cautela sobre a proposta de inclusão social, veremos que é necessário um trabalho de capacitação dos profissionais da rede pública, assim como de adaptação do próprio espaço antes de abrímos os portões dos colégios públicos.

Não se pode negar a importância da convivência entre surdos e ouvintes. No entanto, de nada adianta a oferta de educação para todos quando não há comunicação para todos. É só pensarmos em um aluno surdo em meio a 20 alunos ouvintes. Como seria o dia a dia desse aluno? Qual tipo de relação ele teria com os demais? Como ele teria um relacionamento com seu professor? Ainda que contemos com intérpretes em sala de aula, não podemos negar que a inclusão só acontece de verdade quando preparada para a realidade da diferença cultural entre surdos e ouvintes.

Em primeiro lugar, a Libras deveria ser ofertada nas escolas como disciplina obrigatória, assim como acontece com a língua inglesa e espanhola. Sendo assim, quando entrasse um aluno surdo em sala de aula, os demais estudantes

poderiam interagir um mínimo possível com ele. Proporcionando de fato uma inclusão social.

Ao mesmo tempo em que a disciplina de Libras deve constar na grade curricular dos alunos, os professores deveriam ser capacitados para receber seus futuros alunos surdos. Quando falamos de capacitação, não focamos somente na prática da língua de sinais, mas também no conhecimento da história do surdo, para que assim o professor possa entender o que é a surdez e conhecer mais o universo do seu aluno. O reconhecimento da Libras como língua oficial da comunidade surda é muito importante, porém não garante a eficiência educacional para esse público.



A capacitação dos profissionais, assim como o aprendizado pelos alunos tornam-se necessidades básicas para que o surdo saia da posição que lhe foi imposta: de dependente do ouvinte. Atualmente, muitas pesquisas apresentam a Libras como uma língua autossuficiente. Assim como qualquer língua oral, a língua sinalizada consegue alcançar todas as expectativas linguísticas desejadas. Inclusive no campo da abstração. No entanto, dentro da rede pública de ensino, sem amigos e professores que saibam sua língua, o aluno torna-se dependente do intérprete para qualquer ação que deseje realizar.

Como os surdos são minoria linguística, é muito normal o pensamento de que eles devem aprender a língua portuguesa e não os ouvintes a Libras. Na verdade, para que vivamos em sociedade de forma digna, o correto seria que o processo ocorresse dos dois lados, considerando a aprendizagem da LP (língua portuguesa) na forma escrita. Falar deve ser uma escolha do surdo e não uma imposição, uma vez que ele já possui sua língua e o processo de oralização demanda tempo, muita dedicação da parte do surdo e principalmente o apoio familiar.



Na verdade, a inclusão social colocou a língua de sinais como um alvo a ser alcançado, porém não ofereceu todos os alicerces para essa conquista.

Por isso é de extrema importância que o ensino especializado continue em vigor para atender aos alunos que não obtiveram êxito nesse processo inclusivo. Não podemos dizer que não haja benefícios nessa tentativa de inclusão. Devido a alguns surdos serem oralizados, ou terem sido submetidos a uma identidade de ouvinte, podemos afirmar que uma parcela pequena deles consegue acompanhar parte significativa das aulas.

Portanto, é importante repensarmos nos conceitos de acessibilidade, analisarmos os benefícios e os prejuízos que teremos em aplicar ou desativar algum aspecto na educação e enfim oferecermos um ensino de qualidade para todos os nossos alunos.



Para refletir...

“Os surdos podem comunicar-se mais facilmente e com maior precisão pela Língua de Sinais, porque o cérebro deles se adapta para esse meio e, se forçados a falar, nunca conseguirão uma linguagem eficiente e serão duplamente deficientes.”

Vendo Vozes: Uma Viagem pelo Mundo dos Surdos

Oliver Sacks

“É impossível para aqueles que não conhecem a língua de sinais perceberem sua importância para os surdos: a influência sobre a felicidade moral e social dos que são privados da audição, a sua maravilhosa capacidade de levar o pensamento a intelectos que, de outra forma, ficariam em perpétua escuridão. Enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso dos sinais.”*

J. Schuyler Long

Aula 10

A Língua Brasileira de Sinais e
os mitos da comunicação

Curso de
LIBRAS
online

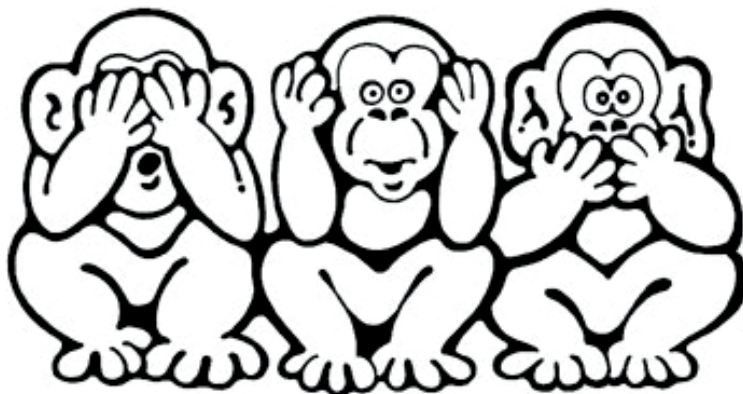




Hoje, após 10 anos de existência, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é muito pouco conhecida no Brasil. Isso se deve a falta de divulgação pelos veículos de comunicação como canais televisivos, jornais, revistas, internet entre outros.

Em 2011, a professora Luciane Rangel, surda, Pedagoga pela Universidade Veiga de Almeida e especializada em Libras e Educação Especial, elaborou uma pesquisa contendo oito questionários, no formato de entrevista, com informações coletadas de mais de 1.500 alunos. A maioria dos entrevistados pertence a área de pedagogia de três universidades (duas da rede pública de ensino e uma da rede particular). O resultado da pesquisa revelou que os alunos atribuíram a LIBRAS vários significados como a moeda da Inglaterra, algum signo do zodíaco ou até mesmo a confundiram com braile (comunicação utilizada por cegos). Por ocasião da entrevista, os alunos souberam na hora que Libras, na verdade, é a língua usada por surdos. A maioria acreditou que a LIBRAS não tivesse estrutura gramatical ou suporte linguístico para os surdos, portanto não a consideravam como língua por não ser falada.

Outro aspecto importante é que os entrevistados, por desconhecerem as diferenças, classificavam o surdo e o deficiente auditivo na mesma categoria de indivíduos, o que não é verdade. Surdo é quem utiliza a Libras e compartilha da cultura surda, enquanto o deficiente auditivo é o sujeito que não se identifica nem com a Libras e nem com a cultura surda.



Este módulo traz os oito MITOS e VERDADES sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), segundo as linguistas brasileiras Ronice Quadros e Lodenir Karnopp.

1º MITO: “A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos”.

VERDADE: “Não é só entender os sinais como gestos. Os sinais são palavras, apenas não são sonoras. A produção de língua de sinais acontece igual à produção da língua falada. Os sinais dessas línguas podem expressar ideias abstratas, emoções, pensamentos e opiniões”.

2º MITO: “Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas.”

VERDADE: “É mentira! As variadas línguas de sinais diferenciam-se umas das outras. Por exemplo, nos Estados Unidos da América que é a ASL (ASL – American Sign Language ; na Inglaterra é BSL (BSL - British Sign Language); em Portugal é LGP (LGP - Língua Gestual Portuguesa). Aqui no Brasil temos a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Esta é igual às línguas faladas, como o inglês, o japonês, o francês entre outras. As pessoas geralmente pensam que os surdos se comunicam em uma língua universal. Pensar assim seria o mesmo que acreditar que os ouvintes, por utilizarem a boca para comunicação e os ouvidos para receber as informações, utilizam uma única língua universal. Ideia essa impossível de ser realizada, como vimos com o Esperanto (língua criada em laboratório com a finalidade de facilitar a comunicação entre os povos).

3º MITO: “Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais que derivara da língua usada por surdos, sendo um pidgin¹, sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais”.

VERDADE: “Em primeiro lugar, as línguas de sinais são consideradas LÍNGUAS e **independem** das línguas faladas. Para esclarecer melhor esse módulo, observe esse exemplo: A língua de sinais portuguesa é de origem inglesa, a língua de sinais brasileira é de origem francesa, ou seja, é a mesma língua falada (Língua Portuguesa) nos países de Portugal e Brasil. Assim como as línguas faladas, a comunicação usada por surdos não poderia ser diferente. Alguns empréstimos linguísticos existem dentro de sua estrutura. Elas apresentam os mesmos status linguísticos identificados nas línguas faladas”.

4º MITO: “A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.”

VERDADE: “As línguas de sinais podem ser utilizadas por várias funções identificadas na produção das línguas humanas. Veja alguns exemplos: pode-se usá-la para produzir um poema, uma história, um conto, uma informação ou argumento. Ela pode opinar, criticar, aconselhar entre outras possibilidades. Essa língua não é inferior a nenhuma outra e é reconhecida como tal.”

5º MITO: “As línguas de sinais seriam uma derivação da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.”

VERDADE: “Acredita-se que é fácil aprender as “línguas de sinais” por causa dos gestos. Esse pensamento é um equívoco! As línguas de sinais são difíceis de aprender como quaisquer outras. O esforço de compreendê-las requer muita dedicação por parte do aluno. Devido a esse mito, algumas pessoas pensam que a dominam pelo fato de usarem alguns gestos e sinais que aprenderam na aula, ignorando o processo de abstração da língua.

¹ Pidgin não é uma língua natural, mas apenas um sistema de comunicação rudimentar, alinhavado por pessoas que falam línguas diferentes e que precisam de comunicar

6º MITO: “As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que o mesmo é responsável pelo processamento da informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem”.

VERDADE: “Pesquisas realizadas com surdos apresentaram algumas lesões em um dos hemisférios onde as línguas de sinais são processadas, ou seja, no hemisfério esquerdo, da mesma forma que as línguas faladas. A diferença é que o hemisfério esquerdo é responsável pelas informações linguísticas e o hemisfério direito pelas informações espaciais e visuais. Pode-se concluir que a língua de sinais é um sistema que faz parte da linguagem humana, portanto processada em ambos os **hemisférios**.”



Momento de Reflexão

Pare e pense: o que é mito? O que é verdade?

- A criança surda deve aprender LIBRAS a partir de 5 anos
- Ela não tem o desenvolvimento cognitivo como as demais crianças ouvintes
- A vida dos surdos é prejudicada pela Língua Brasileira de Sinais
- A língua portuguesa é mais importante que Libras na vida do surdo

“Os outros ouvem, eu não. Mas tenho olhos, que forçosamente observam melhor do que os deles. Tenho as minhas mãos que falam...” (Emmanuelle Laborit, 1994)

Referências Bibliográficas

QUADROS, Ronice Müller e KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: Estudos lingüísticos. Artmed, 2004.

<http://alessandra-amato.blogspot.com.br/2010/11/estrategia-de-ensino-pesquisa.html>

<http://1.bp.blogspot.com/-MKscQnI2eU8/TnaV0g0cDtl/AAAAAAAAAP8/rmyL7fWeNKQ/s400/Mito+ou+verdade.jpg>

http://bulevoador.com.br/wp-content/uploads/2012/07/2382_-cego-surdo-mudo.jpg

Aula 11

Cultura e
Comunidade Surda

Curso de
LIBRAS
online



Para elucidar este estudo, o texto abaixo aborda o tema principal do curso de LIBRAS. Após a leitura, você passará a compreender melhor as definições sobre **CULTURA e COMUNIDADE SURDA**.



Pesquisadora Doutora Carol Padden:
Uma Cultura foi um pioneiro em Estudos Surdos

A pesquisadora americana **Carol Padden**, segunda filha surda de pais surdos, sempre teve interesse por línguas e culturas. Ao longo da vida, a pesquisadora teve grandes experiências, tanto no mundo de surdos como de ouvintes, chegando a estudar a área de linguística. **Carol Padden** trabalhou com o renomado pesquisador internacional **William C. Stokoe** na *Universidade Gallaudet*. Stokoe descobriu com a ajuda de Padden que a língua de sinais era tão rica e complexa como quaisquer outras. A partir da década de 50, sua pesquisa foi multiplicada pelo mundo a fora.



Dr. William C. Stokoe, Jr. foi um estudioso que pesquisou extensivamente ASL (American Sign Language) enquanto trabalhava na Universidade Gallaudet.



A Universidade Gallaudet está localizada em Washington, D.C., a capital dos Estados Unidos.

Veja a diferença entre a cultura e comunidade, segundo Padden:

Cultura: “É o conjunto de comportamentos de um grupo que tem sua própria língua, valores, regras e tradições.”

Comunidade: “É um sistema social geral, o qual as pessoas vivem juntas e compartilham suas metas comuns e certas responsabilidades umas com as outras.”

“A comunidade surda é um grupo de pessoas que mora em uma localização particular, compartilha metas comuns de seus membros e, de vários modos, trabalha para alcançá-las.” (Padden) .

A cultura da pessoa surda é mais fechada que a comunidade surda.

A comunidade surda não é só para os surdos, pois ela serve para professores bilíngues, amigos ouvintes bilíngues, intérpretes e tradutores de LIBRAS que tenham convivência com surdos.

Os deficientes auditivos não pertencem à comunidade surda porque não convivem com os surdos, uma vez que possuem sua própria língua e cultura ou não aceitam serem surdos.

“Então, você agora entende que a comunidade surda de fato não é só de **sujeitos surdos**, há também **sujeitos ouvintes**, ou seja, membros de família,

intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham dos mesmos interesses comuns de uma determinada localização.” (Strobel.2008)

Continuando com os mesmos autores, Padden e Humphires, 2008, p. 30, STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis. Editora UFSC. 2008. (p.30), eles estabeleceram uma diferença entre **cultura** e **comunidade**:

[...] uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições; uma comunidade é um sistema social geral, no qual as pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades, umas com as outras.



Eu também faço parte da comunidade surda. Minha dona é surda e eu a entendo perfeitamente em LIBRAS!



Conheça mais sobre cultura e a comunidade surda

É muito importante compreender o significado da **Fita Azul** que se tornou uma característica marcante e parte integrante da cultura surda, portanto é de suma importância saber usá-la e compreender o seu significado.

Por que entender mais sobre a fita azul?

A resposta é simples. A **Comunidade Surda Internacional** está muito preocupada com a extinção da cultura surda devido ao crescimento do número de crianças surdas que estão fazendo implante coclear. Com o implante, as crianças substituem a necessidade da língua de sinais pela língua falada e consequentemente perdem o contato com os demais surdos. Muitas vezes os próprios pais proíbem esse contato com receio de que o filho adquira a língua de sinais, tida como extravagante e inconveniente por muitas pessoas.



O implante coclear é um aparelho implantado na cabeça cirurgicamente e capaz de estimular diretamente o nervo auditivo, causando sensações sonoras.

A presente **comunidade** luta pela preservação da língua e cultura surdas, ingredientes importantíssimos na vida dos surdos, como direito a uma vida feliz. A **Fita Azul** foi introduzida no Congresso Mundial de Federação Mundial de Surdos, em Brisbane, na Austrália, no ano de 1999. Ela motiva uma história, uma cultura, uma língua, um povo e a sensibilização pelo direito dos surdos. A surdez não precisa ser um problema social. Ela pode simplesmente ser respeitada.

A sociedade até hoje está preocupada com a audição dos surdos e não com sua língua. Que tal mudarmos esse pensamento? Devemos ter muito respeito pela língua e cultura de surdos. Pratique isso!

Para refletir !!! Perceba a diferença de cultura surda e ouvinte.

Hoje em dia, vários profissionais da área de surdez, principalmente os médicos, discutem que não existe uma cultura surda, já a visão antropológica defende a ideia de uma cultura baseada nos costumes e língua do povo surdo.

Para finalizar, segue o texto da **Comunidade e Cultura Surda** escrita por **Doutora Surda Karin Strobel** pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

Perceba o conflito cultural entre surdo e ouvinte:

A Doutora Surda, **Strobel**, defendeu uma tese em seu doutorado que deu origem ao livro chamado “As imagens do outro sobre a Cultura Surda” (2008, p. 38):

“Uma vez, meu namorado ouvinte me disse que iria fazer uma surpresa para mim pelo meu aniversário; falou que queria me levar a um restaurante bem romântico. Fomos a um restaurante escolhido por ele. Era um ambiente escuro, com velas e flores no meio da mesa. Fiquei um pouco constrangida porque não conseguia fazer uma boa leitura labial nele por causa de pouca iluminação, pela fumaça da vela que desfocava a imagem do rosto negro dele. Para piorar, havia um homem no canto do restaurante tocando música, que sem poder escutar, me irritava e me fazia perder a concentração devido aos movimentos dos dedos repetidos do vai e vem do seu violino. O meu namorado percebeu o equivoco e resolvemos ir a uma pizzaria.”



Segundo a professora **Luciane Rangel** (professora e pedagoga surda), ela não precisava ter ido à pizzaria e perder o clima romântico. Aqui seguem algumas estratégias: você pode ficar no restaurante, procurar um ambiente claro ou um ambiente fechado e escondido com boa iluminação, ter velas e flores bem pequenas e pagar um poeta surdo para declamar em língua de sinais uma poesia feita por seu namorado.

Você concorda?



Para refletir...



Emmanuelle Laborit

Atriz e escritora

“Sou surda, não quer dizer: “Não ouço”. Quer dizer: “Compreendi que sou surda.” É uma frase positiva e determinante. Na minha mente, admito que sou surda, compreendo-o, analiso-o, porque me deram uma língua que me permite fazê-lo. Compreendo que os meus pais têm a sua própria língua, a sua maneira de comunicar e que eu tenho a minha. Pertença a uma comunidade, tenho uma verdadeira identidade”

Referências bibliografias:

CARVALHO, Paulo Vaz. Breve História dos Surdos do Mundo. Edição: Surd'Universo. 2007

LABORIT, Emmanuelle. O voo de gaivota. Edição 2000

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis. Editora UFSC. 2008.

Fontes de pesquisas (internet):

<http://www.amareloouro.com/tag/velas-e-flores/>

<http://www.canstockphoto.com.br/m%C3%A3os-%C3%A1rvore-ilustra%C3%A7%C3%A3o-seu-desenho-3194494.html>

<http://www.gallaudet.edu/>

https://www.google.com.br/search?q=professor+cachorro+ler&num=10&hl=en&biw=1366&bih=616&site=imghp&tbm=isch&oq=professor+cachorro+ler&gs_l=img.3...7212.11431.0.11605.21.20.1.0.0.0.241.2225.10j5j4.19.0...0.0...1c.1.17nwly1I2Wg

<http://www.implantecoclear.net/>

http://www.nsf.gov/discoveries/disc_images.jsp?cntn_id=100168&org=NSF

Aula 12

Variação linguística:
Dialeto e Idioleto

Curso de
LIBRAS
online





Sejam bem-vindos à aula 12. Os temas abordados serão *dialeto* e *idioleto*. É muito importante compreender a teoria linguística da LIBRAS. Não basta conhecer apenas a prática, é preciso entender a teoria.

Geralmente, nos cursos ou nas universidades, os estudantes iniciam as aulas de LIBRAS com bastante animação, mesmo sem conhecimento algum da área ou contato com surdos. Quando, na sala de aula, eles se deparam com um professor surdo, sentem-se surpresos e ansiosos em saber como poderão interagir com esse professor.

Após determinado tempo, são estimulados e começam a pesquisar os sinais em LIBRAS. Entendem, com muita curiosidade, esse grande léxico. Certa vez, um aluno mostrou os sinais de cores para o professor. Ele explicou para esse aluno que ele não tinha aprendido os sinais do Rio de Janeiro e sim de São Paulo. O aluno estranhou e pensou que a Libras era igual por todo Brasil e não entendeu. Em seguida, o professor explicou que Libras é uma língua e por isso tem alguns sinais diferentes de acordo com a região, assim como a língua portuguesa, que embora falada e escrita por todos os estados brasileiros, possui variações linguísticas regionais.

Por exemplo: No Sul, falamos “aipim” e no Nordeste, “macaxeira”; já no Centro-Oeste, chama “mandioca”. São três palavras diferentes usadas para uma única coisa. A esse ocorrência chamamos de **Variação Linguística**.



Acontece também com o sinal de viagem que recebe diferentes formas no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Viagem (Rio de Janeiro)



Viagem (São Paulo)



Muitas pessoas acreditam que no Brasil falamos a mesma “LIBRAS”, sem variações lingüísticas próprias do uso da língua. No entanto, podemos observar que assim como as línguas orais, as línguas de sinais também sofrem variações regionais.



Como a LIBRAS é uma língua oficial, cada região tem seus sinais, cada grupo sociocultural tem os seus e cada cidadão também.

Em um relato de sala de aula feito por um professor surdo, Um aluno disse que ficaria confuso se sinalizasse errado porque não tinha

contato com os surdos e não sabia se utilizava os sinais do Rio ou não. O professor explicou que deveria conhecer os sinais diferentes do Brasil para entender as variações regionais da Língua Brasileira de Sinais. Mas ele precisa saber quais são sinais que pertencem a cada estado. É o mesmo processo que acontece quando viajamos. Descobrimos palavras que nunca ouvimos em nossa região. Cada um tem suas características, seu modo de falar, sua cultura linguística, seu sotaque, entre outras particularidades. Não há falta de comunicação.

As línguas variam conforme as regras do seu lugar, situação formal e informal, níveis socioeconômicos e intelectuais, cultura e outros.



Somos todos uma mesma espécie, porém com particularidades próprias.

O **dialeto** e **idioleto** são diferentes:

O **dialeto** é quando os falantes de uma mesma língua, inclusive a LIBRAS, apresentam diferenças nos seus modos, de acordo com lugar em que estão vivendo, gostos e também nível socioeconômico. É uma variante

linguística constituída por características fonológicas, sintáticas, semânticas e morfológicas próprias.

Acontece também na Libras. De acordo com as regiões, os sinais podem variar consideravelmente.

O **idioleto** (como **idios** = pessoal e **lecto** = dialeto) é simplesmente a maneira característica de cada indivíduo usar sua própria língua.

Denomina-se a maneira única que cada pessoa tem de sinalizar, pois não há dois indivíduos que façam sinais da mesma maneira.



“Como se sabe, a língua além de ser o principal veículo de comunicação, é também o mais importante meio de identificação do indivíduo com sua cultura e o suporte do conhecimento da realidade que nos circunda. O problema das minorias lingüísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação da língua materna, mas sobretudo a privação de sua identidade cultural.”

Lucinda Brito

Amarelo



Rosa



Verde



Sábado



Domingo



Inverno



Verão



Setembro



Dezembro



Referências bibliografias:

ELINE, Ronald. *A variação linguística*. In: Introdução à linguística. I.

Objetos teóricos. São Paulo: Contexto.

PIMENTA,N e QUADROS,Ronice, Curso de Libras.LSBvideo. Rio de Janeiro,2006.

QUADROS,ROnice e Karnopp,Lodenir. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre,Artmed,2044.

Sites de figuras e fotos

<http://www.vendovozes.com/2012/01/curso-de-libras-porto-alegre-escola.html>

<http://neusa-amorim.blogspot.com.br/2011/05/variacao-linguistica.html>

<http://petbrasil08.blogspot.com.br/2008/10/mos.html>

Aula 13

Aquisição da linguagem
pela criança surda

Curso de
LIBRAS
online



Você se lembra da *aula 10* em que apresentamos os “Mitos da LIBRAS”, com mesma pesquisa elaborada pela professora Luciane Rangel no ano 2011? Agora, foram acrescentadas mais perguntas (novos questionários) aos alunos das universidades públicas para serem respondidas até o final do ano 2012.

Uma das 10 (dez) questões era:
“Qual é a idade certa para a criança surda adquirir a LIBRAS?”

Geralmente a maioria das pessoas responde que as crianças surdas devem adquirir ou aprender LIBRAS após os 5 anos, outras a partir dos 4 anos e as demais após os 2 anos de idade.

Poucas respostas corretas foram encontradas, pois a criança quando nasce surda, deve adquirir a LIBRAS rapidamente; e aquelas que nascem ouvintes e perdem audição depois, também devem adquiri-la o mais cedo possível.

Após comemoração de 10 anos de existência da LIBRAS, por todo o Brasil, as pessoas ainda estão pensando que as crianças surdas possuem comprometimento cognitivo, são limitadas e incapazes. Não é verdade.

A professora então perguntou aos alunos: qual idade certa para a criança ouvinte adquirir o conhecimento da língua portuguesa? Os alunos então responderam que quando a criança nasce, ela automaticamente adquire português. A professora perguntou? Por que as crianças surdas devem adquirir LIBRAS após 4 ou 5 anos de idade? Os alunos responderam que as crianças surdas simplesmente não escutavam. A professora explicou aos alunos que os olhos são os ouvidos do surdo e por isso, e por isso as crianças surdas deveriam adquirir a LIBRAS o quanto antes.

Os alunos refletiram e iniciaram um debate. A partir de então, os mesmos começaram a entender a importância da aquisição de linguagem pela criança surda.

A criança surda precisa se integrar em sua comunidade para ter um bom desempenho na língua de sinais.

Aqui estão algumas características de cada estágio de aquisição da linguagem por crianças surdas:

- 1. Período Pré-linguístico** (do nascimento até 1 ano e meses): Esse período é caracterizado pelo balbúcio dos bebês **Surdos**;
- 2. Estágio de um sinal** (de 1 até 2 anos): Caracterizado pelas primeiras produções de sinais que surgem em forma de sinais congeladas (sem movimento);
- 3. Estágios das primeiras combinações** (2 anos). Nessa fase as crianças surdas começam a combinar sinais com verbos usando, primeiramente, em forma de SV (sujeito-verbo), depois VO (Verbo-objeto) e mais adiante como SVO (sujeito-verbo-objeto), iniciando as relações gramaticais;
- 4. Estágios de múltiplas combinações** (de 2 a 3 anos): Nesse estágio as crianças já conseguem entender diferentes derivações.

Uma notícia interessante relata a história de uma bebê que nasceu surda e tinha um irmão surdo e uma irmã deficiente auditiva. Sua mãe sabia a **Língua Brasileira de Sinais**, já a criança se esforçou para aprendê-la durante o curso. Todos os dias ela aprendia a LIBRAS em casa e na creche. A menina ingressou na creche aos 6 meses de idade, muito esperta como qualquer outro bebê. Ela tinha uma professora e uma auxiliar surdas, logo adquiriu a língua de maneira espontânea.

Aos 7 meses, começou a balbuciar “água”. Poucos meses após o primeiro ano aprendeu 20 sinais de animais. Conseguiu sinalizar hipopótamo, rinoceronte e outras palavras grandes.

Ela adorava histórias contadas pela professora, que utilizava a língua de sinais, além de expressões faciais e corporais para estabelecer sua comunicação. O contato visual da menina era estimulado pela professora a todo instante, chamando a atenção para os livros ilustrados ou figuras. Ela apresentou seu trabalho aos colegas surdos que ingressavam após 1 ano e meio e 2 anos.

Outra pesquisa também muito interessante é “O direito da criança surda de crescer bilíngue”, da autora e pesquisadora *Françoís Grosjean*, da Universidade de Neuchâtel, na Suíça:

“Toda criança surda, qualquer que seja o nível da sua perda auditiva, deve ter o direito de crescer bilingüe. Conhecendo e usando a língua de sinais e a língua oral (na sua modalidade escrita e, quando for possível, na sua modalidade falada) a criança alcançará um completo desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, linguísticas e sociais.”

(Grosjean, sem ano)

Outro dado relevante apresentado na pesquisa é que 90% das crianças surdas têm pais ouvintes. Os pais ouvintes devem cumprir determinadas estratégias com seu filho surdo no momento em que a comunicação em casa é iniciada. Abaixo você verá algumas dicas:

- 1. Comunicar-se com seus pais e familiares o mais cedo possível;**
- 2. Desenvolver suas capacidades cognitivas durante a infância;**
- 3. Adquirir conhecimentos sobre o mundo;**
- 4. Comunicar integralmente com o mundo circundante, e**
- 5. Pertencer culturalmente ao mundo dos surdos e dos ouvintes.**

No começo, a criança surda deve aprender a aquisição da LIBRAS dentro de casa. É fundamental que ela tenha contato, vínculo pessoal com os pais ouvintes, os quais precisam dominar a língua do seu filho surdo para desenvolver, estabelecer e solidificar os vínculos sociais e pessoais.

A maioria dos pais, lamentavelmente, não aceita seu filho surdo, nem sua cultura. Isso atrapalha consideravelmente o desenvolvimento linguístico, cognitivo e afetivo da vida dessa criança.

Alguns pais preferem que seu filho aprenda a falar para seguir o modelo ouvinte da sociedade, por se tratar da maioria lingüística. Evitando qualquer tipo de estranhamento público.

Qualquer criança tem direito de desenvolver suas capacidades cognitivas e crítica.

Na realidade, muitas crianças adquirem ou aprendem LIBRAS tardiamente, perdendo muitas informações, além de não conseguirem conciliar com desenvolvimento de um ouvinte. Quando os pais percebem

o resultado insatisfatório de seu filho surdo, o qual não consegue aprender a falar e nem a escrever perfeitamente, eles descobrem a real importância da Língua Brasileira de Sinais.

As crianças surdas têm o direito de receber a língua de sinais (como primeira língua) e a língua oficial de seu país (como segunda língua). Elas devem entrar em contato com outras crianças surdas para estimular a autoestima e autoaceitação, como também devem ter contato com outros adultos surdos para seguirem seu modelo, construindo uma identidade surda.

Quando a criança se torna bilíngue, ela cresce livre para escolher outra língua ou até mesmo a língua de sinais, podendo falar muitas línguas, caso tenha o desejo de aprender. A Federação Mundial de Surdos tem um plano de ação como proposta de qualidade de vida aos surdos até 2020.

Não podemos esquecer que a aquisição de linguagem pela criança surda deve começar desde a tenra idade, como a criança ouvinte.

A criança surda deve ter o direito de crescer bilíngue. Essa é a nossa responsabilidade!

/



Água



Arroz



Carne



Cenoura



Leite



Maracujá



Pão



Peixe



Salada



Referências bibliografias:

Andrade, Betty Lopes L´A;Ruiz, Luciana Dantas e Rodrigues, Luciane Rangel.
LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais. Módulo I. UFF. Ano 2011

http://www.francoisgrosjean.ch/Portuguese_Portugais.pdf

Imagem:

<http://carilissadallalba.blogspot.com.br/>

Aula 14

O Preconceito
Linguístico na LIBRAS

Curso de
LIBRAS
online





Este é o penúltimo capítulo do curso da Língua Brasileira de Sinais. Ele retrata o ***“Preconceito Linguístico”*** na LIBRAS aqui em nosso país.

A Lei Oficial da referida língua existe desde 2002. Como sabemos, ainda não é tão conhecida, nem tampouco respeitada no Brasil. Essa rejeição se dá pelo fato da Libras ter uma nova modalidade de língua. O distanciamento do novo, do estranho, acaba sendo uma reação genuína no ser humano.

Infelizmente, muitos surdos e ouvintes ainda não aceitam a língua de sinais. Acreditam ser uma língua extravagante e que seu aprendizado implicaria a negação da língua oral escrita. ***Como os surdos e deficientes auditivos ainda têm preconceito com essa língua?***

As comunidades mais carentes ou do interior do país concentram o maior nível de surdos que não utilizam a língua de sinais. Dentro das famílias são criados sinais universais que estabeleçam a comunicação entre ouvintes e surdos. Há, no entanto, surdos que utilizam a língua de sinais, porém ou não possuem grande conhecimento da gramática da Libras, ou estão sujeitos a dialetos muito fortes.

Existem deficientes auditivos com vários tipos de surdez, do moderado ao profundo, e que não aceitam LIBRAS. Logo preferem se submeter ao processo de oralização por causa de sociedade, que é predominantemente ouvinte.

A Libras é a língua do surdo. Não há por que se envergonhar dela. Todo cidadão tem o direito de usar sua língua. Com o surdo deve ser igual.

Hoje em dia, mesmo com a lei oficial de LIBRAS, infelizmente encontramos muitas crianças surdas ainda proibidas de usarem a língua de sinais.

Algumas dessas crianças, quando se tornam adolescentes e adultos, e descobrem a existência da língua de sinais, ficam completamente aborrecidas e até mesmo revoltadas. Outras aceitam numa boa, por não terem aprendido antes seu verdadeiro mundo, descrito nos relatos e desabafos de alguns surdos e deficientes auditivos.

O preconceito linguístico é um julgamento desrespeitoso. A maioria dos médicos, infelizmente, aconselha aos pais dos surdos a proibir o aprendizado da língua de sinais, pois caso contrário, eles nunca escreverão, nem tampouco falarão. Isso é grande mito. A verdade é que esse processo é totalmente o contrário. Aprendendo a LIBRAS, o surdo será incentivado e motivado a escrever e ler, melhorando a independência de sua audição.



A defesa pelo direito dos surdos aprenderem a LIBRAS, desde a mais tenra idade, não pode ser menosprezada ou sofrer quaisquer preconceitos.

Para fazer uma verdadeira análise sobre esse assunto **é preciso combater o preconceito linguístico.**

Referencia de fotos:

<http://www.significados.com.br/maos-atadas/>

<http://bsbllibertacao.blogspot.com.br/2011/03/ao-longo-de-uma-semana-o-blog.html>





Os sinais podem ser agressivos, diplomáticos, poéticos, filosóficos, matemáticos. Tudo pode ser expresso por meio de sinais, sem perda nenhuma de conteúdo.

“Para aprender a falar, um surdo precisa de horas diárias de trabalho árduo enquanto o conhecimento dos sinais ocorre de forma espontânea, quase imediata”.

“Os surdos pré-linguais, ou seja, que nunca ouviram ou perderam a audição muito cedo, não invejam os ouvintes e não se consideram deficientes”.

“Recuso-me a ser considerada excepcional ou deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta. É a sociedade que me torna excepcional...”.

O vôo da gaivota
Emmanuelle Laborit

“Os surdos podem comunicar-se mais facilmente e com maior precisão pela Língua de Sinais, porque o cérebro deles se adapta para esse meio e, se forçados a falar, nunca conseguirão uma linguagem eficiente e serão duplamente deficientes”.

Vendo Vozes: Uma Viagem pelo Mundo dos Surdos
Oliver Sacks

Aula 15

Os Personagens Surdos

Curso de
LIBRAS
online



Este curso está chegando ao fim. Temos certeza de que você aprendeu muitas coisas a respeito da “Língua Brasileira de Sinais”, como a cultura e identidade surdas, a gramática da LIBRAS entre outras abordagens.

Agora vamos falar sobre seus personagens e o orgulho de ser surdo. É preciso lembrar que os mesmos são **sujeitos visuais**, ou seja, não são deficientes, pois seus ouvidos são substitutos dos olhos. A pesquisadora e doutora Gladis Perlin¹ definiu da seguinte forma: **“Ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva”**. Perlin, 1998



Os surdos que pertence a famílias surdas, sejam pais, irmãos, tios, avós, bisavós, para eles fica mais fácil terem orgulho de suas condições, diferentemente dos demais casos. Isso acontece porque essas pessoas, ou seja, aquelas que nascem, crescem e convivem com sua família surda, não costumam sofrer preconceito familiar quanto a sua língua, uma vez que seus familiares utilizam constantemente a língua de sinais e não as excluem entre os parentes.

A pessoa surda que é humilhada na sociedade ouvinte, se tiver apoio familiar, estará mais bem preparada para enfrentar novos desafios.

¹ Gladis Perlin – Pesquisadora e doutora surda.

É plenamente aconselhável que a criança surda de família ouvinte ingresse rapidamente em uma creche bilíngue ou especial, a fim de conviver e compartilhar com outras crianças que passam pelas mesmas situações linguísticas que ela. Isso deve acontecer não só pelo desenvolvimento da Libras, mas para a construção do *eu surdo*. Quando eles crescem juntos e percebem que não são únicos e que têm muitos outros vivendo em todo o mundo, isso ajuda a construção da identidade surda e melhora a autoestima e autoaceitação. Ser surdo passa a não ser mais um problema.

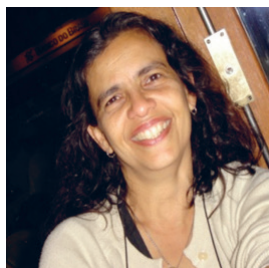
O pesquisador doutor americano *Leland McCleary*, que reside em São Paulo, e disse:

Por exemplo, diga para um ouvinte: “eu tenho orgulho de usar a língua de sinais brasileira”. Qual pode ser a reação dele? Ele pode pensar, “Sim, claro! Os gestos são muito bonitos e expressivos!”. Mas não é por isso que você tem orgulho! Você tem orgulho porque quando você usa a língua de sinais, você pode ser **surdo e feliz** ao mesmo tempo. O ouvinte pode pensar: “O surdo não pode usar a língua oral, então ele se satisfaz com a língua de sinais, mas isso não faz mal! Parece que no fundo, o ouvinte acha que o surdo é um coitado, e quando o surdo diz que ele tem orgulho da sua língua, nada muda na cabeça do ouvinte. Ele não precisa entender o surdo; ele continua achando a mesma coisa. Agora diga para um ouvinte: “Eu tenho **orgulho de ser surdo!**”. O ouvinte vai ficar **chocado**. Ele vai ficar **confuso**. Por que razão ter orgulho de ser surdo? O ouvinte sempre acreditou no seu coração que a surdez é uma **falta**. É uma deficiência. Como é possível ter orgulho de uma **deficiência**? As pessoas podem ter orgulho de alguma coisa que elas têm, mas não de uma coisa que não tem, uma falta, uma deficiência. Então quando o surdo diz, “Eu tenho orgulho de ser surdo”, ele choca e confunde o ouvinte. Ele não pode mais achar que o surdo é um “coitado”, porque um coitado não tem orgulho de si mesmo. O ouvinte não tem explicação para o orgulho do surdo ser surdo. Como é possível uma pessoa ter orgulho de ser surdo? Para o ouvinte, é um absurdo. É um paradoxo”. Leland McCleary

Conheça agora alguns personagens surdos do Brasil e Mundo:



Gladis Perlin foi a primeira doutora surda do Brasil e fez pesquisa sobre identidades surdas e ser surdo.



Ana Regina e Souza Campello é doutora surda maranhense. Cresceu no Rio de Janeiro. Fundadora e a primeira presidente do FENEIS- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.



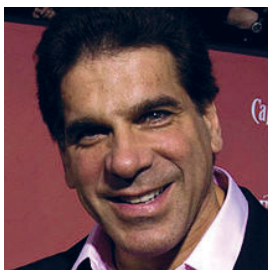
Emmanuelle Laborit - Atriz francesa surda. Escreveu o livro “O voo de gaivota”, em 1993, onde relata suas lembranças de infância, sua difícil adolescência e vida. Atuou em inúmeros filmes, fez peças de teatro e venceu o prêmio “Molière” como revelação teatral de 1993.



Marlee Matlin - Famosa atriz surda americana. Seu primeiro trabalho no cinema foi em 1986, no filme “Os Filhos do Silêncio”, que lhe rendeu o Oscar de melhor atriz.



Muito famosa, **Hellen Keller** ficou cega e surda desde tenra idade. Tornou-se uma célebre escritora, filósofa e conferencista. Uma personagem famosa pelo extenso trabalho que desenvolveu em favor das pessoas portadoras de deficiência. Mostrou sua vida no filme “O milagre de Anne Sullivan”.



Louis Jude Ferrigno é um ex-fisiculturista e ator surdo americano. Ficou mundialmente famoso por participar da série de TV “O Incrível Hulk”.

Acreditamos na importância da autoestima. Ela é o começo do desenvolvimento do orgulho de ser surdo e da demonstração do valor social compartilhado com as outras pessoas. Todos os exemplos aqui apresentados mostram a capacidade para o sucesso. Famosos surdos brasileiros e internacionais, como as atrizes: *Emannuelle Saborit* (francesa) e *Marllen Martins* (americana), o lutador *Louis Jude Ferrigno*, a escritora e filósofa *Hellen Keller* entre outros, diariamente “escrevem” suas histórias de superação. Não podemos esquecer que os surdos pertencem a **um mundo de experiência visual e não auditiva**, como a doutora *Perlin* disse.



Vamos refletir...

“No mundo há muitas línguas diferentes, mas cada uma tem seu sentido. Porém, se eu não entendo a língua que alguém está falando, então quem fala é estrangeiro para mim e eu sou estrangeiro para ele”.

Primeira carta de Paulo aos Coríntios

Aula Prática

Ciclismo



Competição



Dançar



Futebol



Música



Vôlei



Referencias bibliográficas:

MCCLEARY, Leland. (2003) *O orgulho de ser surdo*. In: ENCONTRO PAULISTA ENTRE INTÉRPRETES E

SURDOS, 1, (17 de maio) 2003, São Paulo: FENEIS-SP [Local: Faculdade Sant'Anna].

Referências fotográficas:

<http://fabiosellani.blogspot.com.br/2012/09/o-orgulho-de-ser-surdo-dia-26-de.html>

<http://www.biography.com/people/marlee-matlin-212179>

http://www.biografiasyvidas.com/biografia/k/keller_helen.htm

http://en.wikipedia.org/wiki/Lou_Ferrigno

